

# SER(TÃO) SERIDÓ EM SUAS CARTOGRAFIAS ESPACIAIS

Olívia Morais de Medeiros Neta\*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as configurações espaciais do Seridó potiguar — situado na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte — a partir das seguintes obras: *Homens de Outrora* (1941), de Manuel Dantas; *Seridó* (1954), de José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine de Faria. Destacamos o espaço do eu (de)marcado pelas subjetividades e significações de cada autor, considerando a relação entre autor, escrita e corpo, seja o da historiografia ou dos sujeitos que dão forma ao Seridó em seus escritos. E os espaços do Sertão e de Luta.

## Palavras-chave

Seridó potiguar. Espaço. Escrita da História

## ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the spatial frames of reference of the Seridó — a region located in the hinterlands of Rio Grande do Norte state — from the following texts: *Homens de Outrora* (1941), by Manuel Dantas; *Seridó* (1954), by José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), by Juvenal Lamartine de Faria; and *Sertões do Seridó* (1980), by Oswaldo Lamartine de Faria.. We highlight the space of “I” as delimited by the subjectivity and significances expressed by each author, considering closely the relation between author, writing and body, either in historiography or in the subjects that give shape to the Seridó region in their writings.

## Keywords

Seridó region of Rio Grande do Norte. Space. Writing on history

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de Concentração em História e Espaços, tendo defendido a dissertação **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. Doutoranda em Educação pela UFRN.

O objetivo deste trabalho é analisar as configurações espaciais do Seridó potiguar a partir do discurso historiográfico. O *corpus* documental para análise é composto pelas obras *Homens de Outrora* (1941), de Manuel Dantas; *Seridó* (1954), de José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine de Faria. A escrita, se constitui enquanto recorte para análise, sendo entendida enquanto uma prática que (de)marca e institui rostos para os espaços. Do espaço da escrita procuramos subjetividades, atribuições de sentidos, de significados para o Seridó.

Esta é uma História dos Espaços que, tem como problemática a institucionalização de sentidos para o Seridó, como decorrência da locução discursiva. As fontes-obras, citadas acima, foram escolhidas por serem as que, dentro da historiografia sobre o Seridó, compõem uma mesma formação discursiva, bem como estas serem responsáveis por estudos acerca deste como um recorte espacial demarcado pela história.

O Seridó potiguar segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (BRASIL, 1989), situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e, atualmente é representado pelos territórios de 17 (dezesete) municípios. Além da configuração espacial produzida para o Seridó norte-rio-grandense pelo IBGE, pode-se considerar uma outra configuração que seria a do Seridó historicamente construído. (MORAIS, 2005). Este, atualmente, é composto pelo território de 23 (vinte e três) municípios que, de forma direta ou indireta, se desmembraram de Caicó, primeira municipalidade a se constituir no referido recorte espacial.

Quando nos referirmos ao Seridó estaremos considerando os limites do historicamente construído. Esta opção dar-se por este recorte tomar como base a história, visto que, sua produção é considerada a partir dos processos de colonização e povoamento e assim, a delimitação do Seridó historicamente construído é também uma história dos espaços, de seus usos e práticas.

Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine de Faria e Oswaldo Lamartine de Faria são descendentes de famílias que participaram do processo de colonização e povoamento do Seridó, havendo entre os mesmos laços de parentesco, são parte de uma outra rede: a familiar, a genealógica. Neste sentido, o

discurso historiográfico é produzido como forma limite para o espaço e para justificar ou reafirmar a presença e relevância de determinadas linhagens genealógicas no Seridó potiguar.

A investigação está articulada com o método de análise do discurso que “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nós queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2004, p. 10). Ainda ressaltamos que o discurso não é o que se diz sobre alguém ou alguma coisa, mas o conjunto de enunciados que circulam, em determinado momento, na sociedade e, sua análise consiste na percepção dos enunciados recorrentes ou silenciados numa série discursiva, daí ser tomado como método de análise para os *discursos sobre* e *discursos de* Seridó na historiografia.

O espaço territorial do Seridó é lido e produzido nos recortes dos atos de fala que na dimensão discursiva vem compor a espacialidade da escrita que é marcada sob a coação de formas, que nela se exercem. É a escrita, um espaço estriado que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formas distintas, que é passível de ser cartografada, de ser mapeada; é o espaço extensivo, enquanto conjunto de marcas que dá sinais, dobraduras em sua extensão.

A noção de espaço estriado é entendida a partir da problematização de Deleuze e Guattari (1997a) quando discutem os modelos e os aspectos variáveis das relações entre os espaços lisos e estriados. E, como um tecido que tem motivos estampados a escrita é um conjunto de gravuras, de combinações distintas, é um arranjo de símbolos e signos, tem marcas — é espaço.

Como este tecido, a escrita pode ser cortada por manchas, por gravuras concretas e/ou abstracionistas, pode também ter uma superfície lisa. Aqui podemos perceber duas leituras possíveis ao espaço, um espaço liso e um espaço com estrias. Vislumbrar a escrita é focar seus autores, sujeitos de discursos que expressam maneiras de subjetivação e vivência dos códigos que definem suas concepções. Uma obra pode viabilizar uma história de produção de seus autores, uma história de produção de suas subjetividades, da construção de sua identidade de autor e da prática discursiva de sua escrita.

Ao pensarmos a relação entre autor e texto consideramos que, sua função é caracterizar a existência, a circulação e a operacionalidade de certos discursos numa dada sociedade. Buscar o autor é dar visibilidade ao lugar particular

do sujeito do discurso, os lugares de autoria, que estão articulados com a história das formas de pensamento. (FOUCAULT, 1992).

Ao analisarmos as configurações de um estatuto de autoridade sobre o Seridó, nos voltamos ao lugar de produção do conhecimento dos autores, pensando o *eu* e a escrita como espaços de idéias. O Seridó, como temática de estudo nas obras analisadas, é parte dos corpos e desejos dos autores, estes se colocam enquanto *naturais, filhos da terra* e escrever sobre esta e para esta terra seria produzir um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço.

Estes autores são figuras de sujeito do conhecimento sobre o Seridó, enredados pela escrita e pela genealogia. O Seridó para nossos autores é um ninho e um imenso poder que guarda seres do mundo onde sentir-se parte e escrever sobre é “Dar seu espaço poético a um objeto é dar-lhe mais espaço do que aquele que tem objetivamente, ou melhor dizendo, é seguir a expansão do seu espaço íntimo.” (BACHELARD, 1993, p. 206).

O espaço íntimo que é traduzido em narrativa histórica é o Seridó particular e singular de cada um dos autores que sentem o desejo de cantar *sua terra*, de (re)afirmar um estatuto de mando fosse político, das letras ou econômico.

As obras de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se em um corpo escrito, uma nova vida para si, uma recriação a si mesmo, dando ao seu *eu* poético uma voz que iria ecoar através da historiografia; seja passando de um espaço estriado pelas marcas pessoais, hereditárias, marcas de família, para um espaço liso que perdia suas marcas, um espaço onde o anonimato vem (de)marcar um tecido que apresenta estampas ordenadas e deixa sua função de estria, para em conjunto constituir um espaço liso.

Os autores destacados no trabalho ocupam o lugar de sujeito do conhecimento erudito (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005), seus trabalhos de escrita não eram vistos como separados de sua vida privada ou íntima, não havendo uma cisão clara entre suas identidades pública e privada, daí o Seridó escrito pelos autores em destaque ser o de suas vivências, de suas memórias, de seus desejos. A escrita era a vida e esta era sobre suas vidas, onde experiências íntimas e interesses privados se misturavam com suas atividades pública de escritor.

Escrever sobre o Seridó era escrever-se em um espaço, lembrar dos tempos da meninice, dos antepassados, de um lugar que imprimiu marcas em suas

subjetividades. Eram os tempos de outrora de si e do Seridó, era a tradição e a memória que passavam a delimitar a produção sobre o Seridó e o *espaço do eu*. Estes sujeitos ocupariam o lugar de erudito, marcados pela ocupação de diferentes tipos de conhecimento e diferentes funções. Assim, quando Manoel Dantas se constituía enquanto jornalista, professor, advogado, escritor, fotógrafo ele estava reforçando seu lugar de erudito, caminhante por distintos saberes e ações; o mesmo acontecia com José Augusto e Juvenal Lamartine que entrelaçavam as atividades de político, professor, escritor, jornalista, advogado; não diferente de Oswaldo Lamartine que ocupara funções de funcionário público, agrônomo, historiador, etnógrafo.

Como (inter)locutores do Seridó, delineavam um lugar próprio para tal locução: o lugar do pertencimento. O *espaço do eu* era o que lhes davam a autoridade em seus escritos, em que narravam o Seridó. Narrar as lembranças, locutar as secas como problema, divulgar o homem do Seridó como forte eram enunciados que bordejavam o nome dos autores e afirmavam para tais o estatuto de autoridade em termos de escrever, representar e dizer o Seridó.

As configurações do Seridó no discurso historiográfico compõem um corpo, é um *corpo escrito* (CERTEAU, 2002) que, como o próprio corpo físico e humano daquele que escreve, delas se apropriou e como um palimpsesto fez do seu corpo escrita e de sua escrita seu corpo. Desta forma o corpo seria pena, papel e tinta (GIL, 1997), por ele e com ele nossos autores sentiam e escreviam o Seridó.

O *espaço do eu* imbricando-se com o Seridó produz formas de relacionamentos e associações destes homens e suas obras. Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se como *Homem-Terra*, pois em seus escritos pensam o Seridó, apresentam-no enquanto berço e lugar comum, como espaço de vivências e de lutas, cartografado em seus desejos, espaço do eu que se imbrica com a escrita de si e a escrita da história.

O Seridó denominador comum! para Manoel Dantas e seus escritos sobre sertão e sertanejo, José Augusto e seu *Seridó* para Juvenal Lamartine e os *Velhos costumes do sertão* e para Oswaldo Lamartine e seus *Sertões do Seridó*. Seridó mínimo múltiplo comum de sertão, terra e homem. Seridó *Espaço do Eu*.

Do *espaço do eu* nos voltamos para a análise da configuração do Seridó como sertão – Sertão do Seridó. Entendemos a construção do sertão como um

espaço de sentimentos múltiplos que é composto por marcas, por formas ambíguas, mas que por força de sua formação dentro dos interesses políticos, econômicos e culturais, é lido de forma universalizante, sendo congelado em formas discursivas que denotam como elementos de composição deste espaço, enunciados como o gado, a seca e o algodão.

Quando destacamos que o discurso historiográfico configura um Seridó com os estatutos de autoridades de homens que delimitam suas vozes a partir das vivências, estamos por considerar que o sertão produzido é um conjunto de atribuições de sentido, sendo estas várias, mas que tem como cerne as faces de um sertão Seridó. É o sertão que está para o Seridó assim como o Seridó está para espaço de autoria dos autores aqui destacados. O sertão é metáfora para o Seridó, é ele, a cerca mais forte para este espaço que não mais é só do gado, mas também do algodão que vem dar marcas para o homem que habita o lugar.

O homem e o espaço são fios de uma relação tecida a partir de subjetividades, e como destaca Bailly (apud BASTOS, 1998), o homem é um geógrafo e o lugar é seu espaço de vida no qual as relações se misturam num emaranhado de laços, onde estão presentes os sentimentos pessoais, as memórias coletivas e os símbolos. Desta forma, podemos entender o espaço como produção.

O espaço do Seridó escrito por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine é decorrência dos atos de consumo de emoções, linguagens e memória, pois,

A construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de 'ver' o mundo. O olhar, o ato de contemplar a natureza, não é uma atitude natural. Pelo contrário, ele é resultante de uma instituição da cultura que inventou esta contemplação e lhe deu uma significação de um valor. (ALMEIDA, 1998, p. 35).

O Seridó como espaço produzido pela escrita é uma configuração de narrativas particulares que, ao tornarem-se lidas, impressas e prescritas dão corpo a um Seridó particular, próprio de cada autoria.

Quando Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine escrevem sobre o Seridó, estão tornando dizível uma sensação, um sentir que é fio de um viver, de um ouvir e isto vai configurando paisagens, construindo cenários, noções para um espaço físico que aos poucos se torna, pela narrativa,

tessitura de escrita e de relações de família, uma história das sensibilidades. Para Alain Corbin (2005, p. 19) é “[...] identificar a utilização dos sentidos que permitiu construir imagens do outro, dar forma ao imaginário social.”

Neste trabalho, entendemos a construção do sertão como um espaço de sentimentos múltiplos que é composto por marcas, por formas ambíguas, mas que por força de sua formação dentro dos interesses políticos, econômicos e culturais, é lido de forma universalizante, sendo congelado em formas discursivas, as quais denotam como elementos de composição deste espaço, enunciados como gado, seca e algodão.

É o sertão configurado a partir das discussões de Manoel Dantas sobre a vida sertaneja e seu presente e futuro, também é o sertão de José Augusto com abordagens sobre a pecuária e o algodão, a seca e a natureza. É o sertão das memórias de Juvenal Lamartine e o *sertão de nunca mais* de Oswaldo Lamartine.

A denominação sertão teve seus primeiros registros em Portugal, servindo para designar terras distantes de Lisboa. Com o processo de expansão marítima do Império Português, este sentido alarga-se, passando a se chamar sertão, também as terras conquistadas pelos portugueses em outros continentes. (BARBOSA, 2000).

No Brasil, o significado de sertão amplia-se e passa a representar espaços vastos, desconhecidos, vazios ou pouco habitados, inacessíveis, expressão de não-civilização, atribuída à noção de ausência dos súditos do Rei, expressão de espaço vasto e com povoamento e colonização parcos e “[...] lendo sob a ótica dos significados espaciais, [...] sertão é o espaço bárbaro oposto ao espaço civilizado do litoral.” (SCHETTINO, 1995, p. 08).

O *sertão Seridó* começa a ter sua configuração espacial esboçada com a pecuária, sendo o gado o elemento desbravador das *plagas seridoenses*. Se o gado é um desses elementos na configuração de um Seridó sertão, isso se dá por no processo de colonização do Brasil o litoral, espaço econômico voltado ao cultivo da cana de açúcar, ser o antônimo do espaço interior, do *desertão*, que com o movimento do gado, com as bandeiras, estaria a reconfigurar o espaço territorial do Brasil. (PRADO JÚNIOR, 1980).

O sertão como o espaço outro do litoral estaria na base da produção do Seridó no discurso historiográfico. O Seridó comporia o processo de colonização do

território do atual Estado do Rio Grande do Norte por meio da *marcha do gado*, da *Guerra dos Bárbaros*, diferentemente do litoral que se configurou com marcos como a construção da Fortaleza dos Reis Magos (1598) e da Povoação do Natal (1599). (CASCUDO, 1989; LYRA, 1982).

Como espaço aberto rasgado pela pecuária e marcado pela constituição das fazendas, o Seridó é produzido. Mas este Seridó de gado e fazenda, escrito em obras como *Velhos Costumes do Meu Sertão* e *Sertões do Seridó*, é uma produção estriada com marcas como a seca, a natureza rude, enfim uma imagem de sertão.

A configuração do Seridó como sertão se dá com a homogeneidade, como forma limite de um espaço estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1997a). Configuração que articula o sertão que tem o litoral como outro e elementos rurais como as principais marcas. Quando destacamos que o discurso historiográfico configura um Seridó com os estatutos de autoridades de homens que delimitam suas vozes a partir das vivências, estamos por considerar que o sertão produzido é o produto de um conjunto de atribuições de sentido, sendo estas várias, mas que tem como cerne as faces de um sertão Seridó.

A batalha discursiva para explicar identidades e especificidades passa pelo desejo, por uma cartografia sentimental. Assim, o discurso da história regional sobre o Seridó passa por *luta de representações*, participando da construção imagético-discursiva da história regional que, padece daquilo que Albuquerque Júnior (1999) considera uma *ilusão referencial* por dar estatuto histórico a um recorte espacial fixo, estático.

Sertão ou Seridó não existem *a priori*, são resultados de representações que possuem historicidade, lembrando ainda que todas as falas que dizem sertão, Seridó ou sertões do Seridó estão inscritas em uma rede de significados resultante das práticas sociais.

O *espaço sertão* é uma representação cultural, resultado da ação dos homens. As formas assumidas por estas espalham-se pela sociedade formando um conjunto de discursos a respeito do espaço.

É o sertão que está para o Seridó assim como o Seridó está para espaço de autoria dos autores aqui destacados. O sertão é metáfora para o Seridó, é ele, a cerca mais forte para este espaço que não mais é só do gado, mas também do algodão que vem dar marcas para o homem que habita este lugar seco e árido

destacado em narrativas como esta: “[...] estava escrito que o algodão seria, com o decorrer dos tempos, a dominante econômica do Seridó. Para isso concorreu decisivamente a qualidade da fibra do algodão preferentemente ali cultivado [...]” (AUGUSTO, 1954, p. 30).

A seca é a mãe do sertão Seridó; é ela que justifica a construção de uma imagem de espaço pedinte, que clama por olhares e ajuda. Com a seca que devora o veio verde, a seiva da bonança, está também a necessidade do sertão virar mar, do sertão ter força e fôlego.

As narrativas sobre seca constituem-se enquanto tema de uma vasta literatura que, segundo Albuquerque Júnior (1994) aborda ora como um simples fenômeno climático, que aparece como origem de todos os problemas do espaço onde ocorre, ora como um problema mais vasto, com implicações econômicas, sociais, políticas. Assim, toda essa literatura parte da constatação de que a seca é um *problema regional*.

E, como um problema para o Seridó, a seca é apresentada no discurso historiográfico como temática que envolve o espaço e os homens deste. Manoel Dantas no ensaio *O Problema das Secas* discorre sobre estas e as apresenta dizendo que “[...] periodicamente flagelam os Estados do nordeste [e] constituem um dos problemas mais sérios que devem, por igual, preocupar governos e povos, todos eles sofrendo diretamente suas conseqüências.” (DANTAS, 1941, p. 111).

Contra a seca vieram narrativas como as de Manoel Dantas que procuram articular a terra e o homem em um cenário que seria o sertão. O sertanejo e o sertão de Manoel Dantas constituem páginas de Seridó.

Nestas páginas de sertão e do sertanejo escritas por Manoel Dantas, o Seridó é produto da colonização pelo gado e é receita de um conjunto de imagens da relação homem e natureza, vejamos como Manoel Dantas apresenta-nos o espaço sertão:

[...] situado na grande bacia que, em remotos períodos geológicos, as águas cavaram, escorrendo, em torrentes impetuosas, do planalto da Borborema até encontrarem as várzeas do rio Piranhas. (DANTAS, 1941, p. 29).

Estudando a vitalidade de nossos sertões [...] não somos a isso levados por qualquer sentimento de bairrismo, e sim pela necessidade de encarar uma questão, que, se hoje é um problema, será amanhã uma realidade. (DANTAS, 1996, p. 03).

Lançar olhares sobre o Seridó, era para Manoel Dantas uma atitude envolvida pelo presente e a consideração de problemas como a seca. Como no conjunto de artigos que publicara no Jornal *O Povo*, em 1889, Manoel Dantas escrevia a partir do corte entre o passado e o futuro. Escrevia do presente e para o presente alertando dos problemas e buscando soluções.

A seca e a educação escolar são destacadas por Manoel Dantas na série *A vida Sertaneja*, onde defende que o estudo de recortes espaciais como os sertões traz “[...] melhoramentos de incalculável valor para o todo nacional.” (DANTAS, 1996, p. 03). Tais temas merecem do autor reflexões em um momento em que ainda encontrava-se enquanto acadêmico da Faculdade de Direito do Recife.

Como redator do Jornal *A República*, que circulava na cidade do Natal, Manoel Dantas muito usou suas colunas para escrever sobre temáticas como a educação e como as secas. Neste sentido, Luís da Câmara Cascudo (1989) o lembra como um grande conhecedor da história do Rio Grande do Norte, das tradições sertanejas, dos assuntos geográficos, das ciências naturais.

Para Manoel Dantas, o Seridó deve estar envolvido pela evolução da educação para que homem e terra tornem-se um só, viverem de suas potencialidades. Este autor acredita que “Enquanto não se compreender que na instrução reside primeiro o bem estar de um povo, e esses prejuízos perdurarem, o sertanejo há de ser atrasado, refratário as inovações do progresso e indiferente às lutas que se travam em nosso país.” (DANTAS, 1996, p. 11).

Em um só texto, José Augusto (1954, p. 243) associa terra e homem e nos apresenta Manoel Dantas e o Seridó dizendo: “[...] a região em que nasceu Manoel Dantas [...], foi povoada, logo depois da guerra dos bárbaros que assolou os sertões potiguares, e os seus primitivos povoadores eram gente vinda de Pernambuco e Paraíba, para a instalação de fazendas de gado.”



Figura 01 - Manoel Dantas

Fonte: MANOEL Dantas. **Memória Viva**. Disponível em:  
< <http://www.memoriaviva.com.br/manoeldantas/> >. Acesso em: 20 mar. 2006

Manoel Dantas (1867-1924) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 29 de novembro de 1890 e, conforme José Augusto (1954, p. 244) “[...] fez a sua formação acadêmica numa das fases mais interessantes da vida intelectual do Nordeste e mesmo do País [...]”, acrescentando que foi a época da transição da Monarquia para a República; do ponto de vista cultural, particularmente para o Nordeste, figurava a chamada fase da Escola do Recife, em que pontificava Tobias Barreto.

A Faculdade de Direito do Recife forma a elite intelectual e política quando o Seridó despontou na produção cotonicultora do Estado. Esta forneceu parte dos saberes que sustentaram o discurso regionalista dessa elite, prefigurando o Seridó com os dispositivos cientificistas adquiridos com os estudos jurídicos; esta faculdade que formava Manoel Dantas expressava, nas Províncias do Norte, uma certa vanguarda das idéias progressistas e teorias políticas correntes no Império. (MACÊDO, 2005, p. 137).

O evolucionismo fomentava o debate à época dos acadêmicos seridoenses — a exemplo de Manoel Dantas, Janúncio da Nóbrega, Juvenal Lamartine e José Augusto — assim como o positivismo, o naturalismo e o republicanismo na Faculdade de Direito do Recife que abrigava a *Geração de 1870*, cujas figuras de destaque eram Sílvio Romero<sup>1</sup> e Tobias Barreto.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Sílvio Romero cursou a Faculdade de Direito de Recife, entre 1868 e 1873. Na década de 1870 colaborou, como crítico literário, em vários periódicos pernambucanos e cariocas. Em 1875, prestou concurso para a cadeira de Filosofia no Colégio das Artes, anexo à Faculdade de Direito.

Tobias Barreto ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1882, sendo contemporâneo, condiscípulo e compadre de Sílvio Romero; estes sujeitos, asseguravam um debate em torno da cultura e da sociedade que assumiam feições laicas de análise, sendo o discurso infenso às categorias teológicas e metafísicas, e aberto aos procedimentos argumentativos do rigor racionalista.

A *Geração de 1870* introduziu o Brasil à cultura histórica moderna, ao romper as amarras do pensamento religioso em prol de uma visão laica do mundo. Na Faculdade de Direito do Recife, Tobias Barreto e Sílvio Romero contestaram a teoria do Direito Natural, em que a ordem cósmica e social era concebida como sagrada e imutável. (VENTURA, 1991).

O movimento crítico da *Escola do Recife* correspondeu, em termos de crítica literária, à introdução do naturalismo, do evolucionismo e do cientificismo, que tomam as noções de raça e natureza com o fim de dar fundamentos *objetivos e imparciais* ao estudo da literatura. (VENTURA, 1991).

Escrevia, Manoel Dantas, envolvido pelo tema *Civilização e Progresso*, lema dos críticos da *Geração de 1870*. Nesta série de artigos, expressava um engajamento intelectual, procurando intervir no *processo histórico*. O sertanejo, em sua narrativa, emerge como problema, pois seu *modus vivendi* transformou-se em um obstáculo ao desenvolvimento regional, pois, seriam os elementos da vida sertaneja que concorreriam para produzir a estagnação em que este homem dos sertões se encontra enredado. (MACÊDO, 2005).

Para a leitura da vida sertaneja, Manoel Dantas aproxima suas reflexões de um conjunto de saberes voltado à interpretação das raças como o darwinismo social e a defesa de diferentes raças e uma natural hierarquia. Esse tipo de discurso evolucionista e determinista penetra no Brasil a partir dos anos 70, do século XIX, como um novo argumento para explicar as diferenças internas. (SCHWARCZ, 1995).

---

No contexto do positivismo evolucionista que o empolgava, considerava que não se podia mais admitir a contraposição entre ciências da natureza e ciências do homem. (VENTURA, 1991).

<sup>2</sup> Tobias Barreto de Meneses nasceu na vila sergipana de Campos, a 7 de junho de 1839 e faleceu no Recife em 26 de junho de 1889. Foi um fervoroso integrante da *Escola do Recife* (movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu). Em 1882, através de concurso, conseguiu uma cátedra na Faculdade de Direito do Recife. Inicialmente influenciado pelo espiritualismo francês, passa para o naturalismo de Haeckel e Noiré em 1869 com o artigo *Sobre a religião natural de Jules Simon*. Em 1870, Tobias Barreto, passa a defender o germanismo contra o predomínio da cultura francesa no Brasil. (NESTOR, 1930).

Sob a ótica do *Presente e futuro*, Manoel Dantas parte para a escrita de uma série de artigos em que destaca o estudo dos sertões pela “[...] necessidade de encarar uma questão, que, se hoje é um problema, será amanhã uma realidade” e conhecer os sertões é também conhecer a nação, para tais relações sociais Manoel Dantas escreve:

É um fato observado, e a ciência o demonstra, que a vida de um povo, assim como a do indivíduo, desenvolve-se internamente, isto é, de acordo com as suas tendências naturais. Sendo assim, e sendo um axioma estabelecido por **DARWIN** a adaptabilidade do indivíduo e da sociedade ao meio em que vivem, devemos procurar dentro das manifestações da vida sertaneja os princípios do seu desenvolvimento, a força motriz de sua marcha. (DANTAS, 1996, p. 3-4, grifo do autor).

Com esta explicação ficam expressas suas categorias de análises, ressonâncias dos estudos na Faculdade de Direito do Recife. Como destaca Shwarcz (1995), as teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo começaram no último quartel do século XIX, tendo como horizonte de referência o debate sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial.

Como explicação para a marcha do sertanejo, Manoel Dantas atribui o fato de não se educar o povo por meio de um ensino proveitoso, desejando que “[...] os sertanejos presos ao berço de seu nascimento pelos laços do trabalho, que não será um labor improfícuo, e sim o aproveitamento das forças da natureza de acordo com os princípios da indústria séria e progressiva.” (DANTAS, 1996, p. 07).

A vida do sertanejo é enrugada por prejuízos. Segundo Manoel Dantas estes prejuízos são “[...] nota dissonante na harmonia do seu modo de viver.” (DANTAS, 1996, p. 8). Como contra-ponto aos prejuízos há a civilidade que se veste de instrução pois nesta “[...] reside primeiro o bem estar de um povo.” (DANTAS, 1996, p. 11). O sertanejo é pensado e escriturado por Manoel Dantas como esperançoso, amante da instrução, homem que “[...] quanto mais difícil se torna a crise, mais forte e mais ampla se torna a iniciativa sertaneja.” (DANTAS, 1996, p. 19).

Na obra *Homens de Outrora*, Manoel Dantas aborda os sertões por ele percorridos, que são os do Seridó, destacando costumes e lembranças, concluindo

que, a tradição tem perpetuado os tipos sertanejos, muitos dos quais dignos de estudo, pela sua originalidade. Dos homens à terra; agora Manoel Dantas pensa o povoamento do Rio Grande do Norte e destaca o Seridó como “[...] núcleo de população que foi o último a se formar, porque, até o fim da guerra dos índios, no século XVII [...] o Seridó não era conhecido.” (DANTAS, 1996, p. 39-40).

Tece analiticamente para o Seridó uma configuração histórica de seu espaço e para pontuar a análise deste escolhe a face das secas, é um problema árido, de luz e calor, de corpos esqueléticos e explicações científicas, pois “[...] na solução do problema das secas a indagação que primeiro se nos apresenta ao espírito é a referente à origem do flagelo, porque, conhecida esta, fácil será tratar dos meios de preveni-la.” (DANTAS, 1996, p. 113).

A seca, como rosto subjetivado por Manoel Dantas para o recorte espacial do Seridó, é determinada pela influência de uma corrente aérea que varre os vapores úmidos acumulados na atmosfera, impedindo a condensação, que se derrama em chuva *benfazeza*. (DANTAS, 1996). Lendo o Seridó, por condições naturais, Manoel Dantas cientificamente constrói uma explicação e uma possibilidade de homem e natureza harmonizarem-se pelo uso da técnica, pois se a seca é uma carência de águas pluviais a solução está em conservar as águas caídas em anos de inverno, a seca deve ser vencida por meios racionais de resistência, com a construção de açudes e a perfuração de poços, assim a técnica vence a natureza, ou na pior das hipóteses, a rende.

Ao pensar na técnica estamos colocando em pauta a relação do homem com a natureza. Simon Schama (1996) demonstra que homem e natureza não estão um dissociado do outro, pois uma árvore, uma pedra ou rio não são apenas árvore, pedra e rio, a natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo e em cada um desses elementos estão depositados séculos de memória, a paisagem transporta cargas de histórias.

Do sertão de Manoel Dantas e a patente necessidade de civilizar-se cotejamos um outro sertão, o das vivências e desejos de Juvenal Lamartine que é tecido não a partir de receitas científicas, mas da memória, do viver e rememorar uma vida rural.

Juvenal Lamartine é um cultor dos *Velhos Costumes do Sertão*, cujas letras são grafadas com as lembranças das conversas no copiar, das histórias

ouvidas em noites de lua cheia, das comidas e festas da infância e primeira juventude. Juvenal narra o viver no Seridó e apresenta capítulos de uma história que se passa neste espaço. Luís da Câmara Cascudo comenta a esse respeito:

Lamartine desenhava com palavras justas o sertão de todas as épocas. O sertão de estio seco. O sertão do começo do inverno. O sertão da labuta pastoril, digamos o termo ressuscitando as gerações de rastejadores, de vaqueiros de tradição indômita, de pegadores de reses fugitivas, dessas festas também culinárias enfim esses ângulos que só podiam viver diante das testemunhas. Isto era dito com naturalidade, com aquela memória fabulosa de recordar os homens, as datas e às vezes os pormenores da própria indumentária. (CASCUDO, 1994, p. 17).

*Velhos Costumes do Meu Sertão*, de Juvenal Lamartine de Faria (1965) é o desenho das memórias, é a escrita de um mundo vivido e sentido em fins do século XIX e princípio do século XX, um mundo rural, do idílico, onde as vivências compõem o cenário para a escrita, que é tecida pelo ato de rememorar ícones e ações da terra e do homem do sertão seridoense.

Escreve e apresenta os currais, as casas-grandes, indumentárias, alimentação, escola, instrumentos de trabalho, relações de parentesco, hospitalidade sertaneja, desobrigas, festas de casamento, festas religiosas e populares, crendices e superstições, conversas no copiar, vaqueiros e vaquejadas, cangaceiros, morte e sepultamento; enfim, a escrita do sertão de Juvenal Lamartine é a própria escrita de si, seu corpo é o corpo da escrita, seu espaço é o espaço da escrita.

A narrativa de Juvenal Lamartine é a voz do sertanejo que, narrando os *velhos costumes de seu sertão*, compõe lugares de memória, lugares de uma memória engessada por identificações, quanto ao ser cultural preso às histórias do gado, do gentio, do senhor da fazenda, da devoção cristã, da terra dura que produz homens fortes, do ser e estar num espaço que se fecha em si mesmo, seja pela poética, pela memória sempre recorrida, seja por uma produção de uma cartografia sentimental dos desejos que, consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos. (ROLNIK, 1989).

O homem *do* e *no* sertão vive em meio a um cenário com vestes rurais, onde as casas-de-fazenda, os açudes, a caça, a pecuária adentram um primeiro ato. Juvenal Lamartine pensando os velhos costumes do seu sertão narra o viver as

noites sertanejas em redes nos alpendres, as conversas, o contemplar a *mãe lua*, o alvorecer com o canto do galo e o mugido das vacas, com o leite quente bebido no curral, o fogo a lenha, as caças, as festas. (FARIA, 1965).

Ao escrever sobre suas vivências no sertão Juvenal tece contos de um espaço vívido, colorido, que tem sensibilidade, com os sentimentos aflorando a cada palavra

As transformações sociais e econômicas que se vão processando no Brasil estão alcançando os sertões mais distantes, modificando costumes e alterando hábitos [...]. Urge que fixemos, com fidelidade, de como viviam nossos antepassados, a fim de que as gerações futuras possam conhecê-los e compreender melhor a sua evolução. Tendo nascido a mais de oitenta anos (9 de agosto de 1874), no atual município de Serra Negra, povoado por meus antepassados, posso dar o testemunho pessoal dos usos dos sertanejos seridoenses em cujo meio cresci e formei meu espírito [...]. (FARIA, 1965, p. 13).

Este trecho fora escrito quando as lembranças eram para Juvenal arquivo da memória, *flashes* de cor, quando estas só lhes apareciam pelo ato do rememorar e assim cativavam as saudades das cores cortando sua íris e constituindo imagens. Essa narrativa é de saudade do sertão de sua infância e das cores de outrora. Com tintas de saudade e de lembrança, o sertão de Juvenal é configurado e toma corpo como páginas telúricas.

O sertão configurado por Juvenal Lamartine é o de seu testemunho e para uma causa específica: guardar o sertão de outrora e o fazê-lo conhecido. Ao propor-se em dar o testemunho dos usos dos sertanejos, o autor procurava delimitar o sertão do não sertão e aproximava-o do velho e da tradição. O outro na configuração do sertão de Juvenal Lamartine era o novo, as transformações que se constituíam enquanto ameaça ao solo sertanejo.

Escrevendo para fixar o sertão, Juvenal Lamartine desejava (res)guarda-lo do novo, pois suas lembranças narradas assegurariam ao sertão a presença e o fôlego de outrora, onde a tradição não seria ameaçada pela modernidade.

Manoel Dantas e Juvenal Lamartine pensam o sertão como imagem, como tinta e conteúdo para o Seridó; é o sertão a leitura e subjetivação do espaço que estes viveram, caminharam e, posteriormente, escreveram.

O Seridó é uma cartografia de imagens, de desejos e assim neste palimpsesto de cartografias este espaço se configura a partir de recorrências, neste caso como sertão que habita cada um e que se exterioriza com a escrita. Sertão, metáfora do Seridó e cartografia de um espaço que é (de)marcado por imagens e narrativas, daí quando hoje lemos

Pedras e pedras. Luar sobre as gotas e os xiquexiques. Sertão. A figura do homem e do algodão. Caicó região do Seridó. A terra e seus contrastes. Do mais árido chão floresce o algodão mocó, fibra longa o melhor do país [...]. Homens. Homens fortes que tiram a força e perseverança das águas barrentas [...]. Do desafio da terra o homem extrai o suave milagre. A melhor carne de sol. O melhor queijo de coalho e de manteiga. Outros produtos de exportação, bens duráveis, não perecíveis: a sinceridade sertaneja inconfundível. (REDE TROPICAL apud MACÊDO, 2005, p. 165).

Percebemos nas narrativas de sertão como estas vão marcando, estriando o espaço que passa a ter sua escrita sempre atualizada. O Seridó é mais que um denominador comum, como disse Câmara Cascudo, é um texto que traz em suas linhas subjetividades, desejos e estes passam pela idéia de sertão.

A configuração de sertão para o Seridó é parte da idéia de lugares vividos, que são também espaços imaginários. Os lugares vividos são frutos das relações tecidas entre o homem e o meio e os sentimentos de pertencimento, sentimentos que correspondem às práticas e as aspirações, estando estas relações codificadas por signos que lhes dão sentido.

Como lugar vivido o Seridó, sertão, aparece na narrativa de Oswaldo Lamartine (2001) que para justificar os estudos sobre o Seridó apresenta o fator telúrico ao escrever *É a força da terra* e prossegue dissertando acerca do sertão Seridó

[...] é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-nomem – tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos [...]. O Seridó é a terra dos meus pais. Lá irmãos, pais, avós e antepassados deixaram seus *imbigos* nos moirões das porteiras. E fui criado ouvindo páginas daquela terra e daquela gente. (FARIA, 2001, p. 10).

Assim, Oswaldo Lamartine destaca a relação social dele com o espaço e particulariza o seu sertão que é o do Seridó. O autor ainda destaca “Cada vivente

tem o seu sertão [...]. Para mim o sertão é a caatinga. E o do meu bem-querer, é quando descamba ali na Serra do Doutor – Riacho do Machiche – e vai esbarrar nas barrancas do Piranhas.” (FARIA, 2001, p. 13). Ainda reforçando os limites de seu sertão Oswaldo Lamartine ressalta as saudades como propulsão aos seus escritos, por ela e com ela “aprendeu a rabiscar papéis”. A configuração do sertão de Oswaldo Lamartine é de uma cartografia sentimental.

Sobre Oswaldo Lamartine de Faria, escreveu a escritora Rachel de Queiroz (2004) que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo. No seu romance *Memorial de Maria Moura*, agradece a ele na página das dedicatórias: "A inestimável ajuda de Oswaldo Lamartine de Faria". Assim a autoria de Oswaldo Lamartine enquanto sertanejo e seridoense afeito ao calor, à bravura, à sabedoria de uma terra desafiadora e memorialista, começa a ser escrita, a ser legitimada.

Oswaldo Lamartine é um reconhecido pesquisador das coisas do Sertão, principalmente as do sertão do Seridó, no Rio Grande do Norte, sobre as quais já escreveu diversos livros e um importante dicionário — *O Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense*, em co-autoria com Guilherme de Azevedo. Aqui nos reservamos à obra *Sertões do Seridó* que apresenta significações ao espaço seridoense, ao passo que escreve sobre o Seridó o escreve enquanto um recorte memorialístico, um fôlego de sua própria vida, de suas experiências e significações. Aqui destacamos a escrita de uma poética espacial para os limites, para as identificações do Seridó:

Não esqueço o morrer do dia com aboio de vaqueiro juntando gado. O grito da mãe-da-lua que os grandes trágicos nunca ouviram. A sombra (refrigério) do juazeiro que é o precursor do ar condicionado. Mas a sombra do trapiá ainda é mais fresca. Rapadura do Cariri. Coalhada escorrida. Queijo de coalho de leite de cabra, daqueles que rangem os dentes. Paçoca com banana de leite; música e ritmo de pilão socando paçoca. O canto da juriti que muitos tristes não ouviram. As serras azulescendo à tardinha. O chegar da boca da noite. A brisa dos alísios vinda de um quebrar de serra. O estourar da babugem. O derramar de tinta no céu na pegada do inverno. O cururu de goteira, inchado como alguns orgulhosos aqui da praça. O banho de goteira. A réstia de brecha de telha (hoje há clarabóias). O café do cigarro, da tardinha; e o de duas-mãos, da madrugada. O chamamento pro curral feito com um búzio. O espirrar do boi no mourão da porteira. O cacho de espumas na boca dos bezerros apoiados. A dor do espinho da favela [...]. O silêncio do sol do meio-dia; e que é inaudível. O rastro da marreca na água. O grito do socó

que parece um acoite a se ser queimado por urtiga. Uma estrepada de xique-xique. (FARIA apud NEGREIROS, 1998, p. 03).

A obra *Sertões do Seridó* (1980) é constituída de um conjunto de ensaios publicados ao longo das décadas de 60 e 70 do século XX, que só em 1980 são reunidos sob a publicação do Centro Gráfico do Senado Federal. É, pensando pelos sertões, o Seridó que Oswaldo Lamartine constrói uma face física e cultural para o Seridó e o seridoense.

É o Seridó que aparece em narrativas quanto à gestação como espaço pela colonização, pelo caminho feito pelo gado, pelos costumes que se imbricavam e iam dando forma, cor e sentimento para a cartografia física e sentimental. Oswaldo Lamartine narra o Seridó pela face da luta, do desbravamento de uma terra *virgem* onde

[...] os brancos que lá chegaram, rompendo pelos caminhos das águas [...]. A marcha é de se imaginar, era *empalhada* a cada légua: carnes rasgadas pelas flechas do *caboclo-brabo* ou o espinho da sarjadeira, da jurema, da macambira, da quixabeira, do juazeiro, do cardeiro ou do xiquexique [...]. (FARIA, 1980, p. 53).

A natureza, o tempo e o espaço eram tessituras de uma condição, a condição de ser sertanejo, de viver nos sertões do Seridó e ser produto e produtor de identificações em que a história é a temporalização do espaço, é o produto de uma forma de ver, sentir e narrar os sentimentos de estar no lugar, de respirá-lo e dizê-lo. Assim, Oswaldo Lamartine destaca: “A natureza foi, é de se imaginar, quem apontou ao homem o jeito de fazer durar mais, sem se estragar, as comidas de que carecia.” (FARIA, 1980, p. 60).

O espaço Seridó pintado com cores de sertão por Oswaldo Lamartine fora rabiscado à distância, por traços de saudade e sentimento telúrico. Quando perguntado por seu filho, Cassiano Aranha Lamartine, sobre o panteísmo seridoense, considerando que o tempo de moradia no Rio de Janeiro é superior umas três vezes ao vivido no sertão, Oswaldo responde: “É fácil. Troque, na sua pergunta, o verbo morar por viver. Os dias que se mora têm, rigorosamente, apenas 24 horas...” (FARIA, 2001, p. 83). Assim, Oswaldo expressa seu sentimento de que mesmo não morando no Seridó, vive o seu sertão, sente-se sertanejo, mas, de “[...] um sertão que se foi, aterrado pela ‘sifilização’.” (FARIA, 2001, p. 83).

A produção da noção de sertão de Oswaldo Lamartine é o de “um sertão de nunca mais” e isto o torna um sobrevivente que apenas vive das lembranças e da saudade

[...] como um bicho exótico protegido pelo IBAMA, testemunha [...] do sertão das casas-de-fazenda, onde o nome das fazendas se incorporava ao sobrenome do proprietário. Do sertão onde o primo do primo era parente-irmão [...]. Do sertão onde cada filho de uma família era unido aos outros por sangue e voto. Sertão das casas-de-fazenda clareadas à querosene. Sertão onde se cozinhava em panelas de barro, fogão à lenha e se bebia de jarras de cantareira. Sertão onde se acordava com o canto dos galos para quebrar o jejum com leite mungido. Sertão onde [...] se banhava nas frias águas das cacimbas e dos açudes. Sertão onde os silêncios eram quebrados pelos aboios, o zoar dos búzios, o bater dos chocalhos e das cancelas, o canto das cantadeiras dos carros-de-boi e o estalar dos chicotes dos matutos. Sertão onde se viajava em burras-de-sela engolideiras de léguas e se arranchava sob telhas amigas. Sertão onde à noitinha, depois da ceia de coalhada, se armava redes nos alpendres para ouvir dos mais velhos a crônica do passado. (FARIA, 2001, p. 83-84).

A configuração do sertão de Oswaldo é uma expressão do que habita e inspira também as configurações de Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal Lamartine, pois, esta emerge de uma cartografia sentimental, de um *espaço do eu*, espaço poético que é articulado por narrativas embebidas em lembranças e saudades.

É sempre uma configuração de espaços e tempos de outrora; é sempre um sertão Seridó passado, talvez para reafirmar a relação de suas famílias com o Seridó ou justificar que mesmo a distância — visto que, os quatro autores destacados na análise moraram apenas parte de suas infâncias e primeira juventude no Seridó e posteriormente passaram a morar na capital do Estado ou em outros Estados — o Seridó os habita e que as grandes cidades não se tornaram o outro do sertão, este seria o berço e o torrão de suas raízes.

Na narrativa de Oswaldo Lamartine, o sertão e o seu viver são um só e a cada lembrar se (de)marca enquanto um espaço singular e de outrora. É o sertão das vivências nas casas-de-fazenda e nas estradas empoeiradas, nos alpendres, caças e pescarias. É o sertão do campo, alavancado pelo gado, pela terra e pela força das relações de família; é o sertão tecido pelo viver e por uma rede de desejos de retorno ao *sertão de nunca mais*.

Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, escrevendo sobre o Seridó, configuram um sertão que é tecido pelos fios da memória, da saudade, da lembrança, é um sertão que se fecha a partir de alguns símbolos como a terra que se sedimenta pelas cercas de pedras das fazendas e o cerco das associações com as famílias.

O Seridó vestido de sertão não é único, pois cada narrativa dos autores acima citados tece vestes particulares e configuram para este espaço um sentido, partindo de um outro espaço que é o do desejo, é este — o desejo — que impulsiona a construção discursiva sobre o Seridó e assim encadeia as noções de *sertões do Seridó*.

*Sertões do Seridó* são, então, um conjunto de noções acerca de um espaço que vai se sedimentando. A partir desta idéia de *sertões do Seridó* não é o espaço fisiográfico — sertão — que acolhe o Seridó, mas este que em suas possessões parece aglutinar sertões, o das narrativas que ora destacam a seca, a construção histórica do espaço, as memórias de um tempo de outrora.

O Seridó e o sertão são construções históricas que se cruzaram na tessitura do espaço de desejo de cada autor. É a (de)marcação do sertão e seus problemas escrito por Manoel Dantas que busca analisar e conjecturar formas de convívio e superação do homem com a natureza. É a narrativa histórica para o Seridó de José Augusto que traz à cena atos da produção do espaço desde a colonização e os ciclos econômicos que foram se justapondo, bem como o destaque para as personagens que estiveram ao longo da história do lugar, é construção telúrica e memorialística de Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine.

Cada um dos autores-produtores de um sertão para o Seridó é parte dessa narrativa, estão a ela ligados por fios do viver no lugar e fios das relações familiares.

Nas cartografias da escrita sobre o Seridó é o sertão que aflora, assim como a flor do xiquexique, é o sertão que dá unidade e justifica determinados posicionamentos sobre o espaço. O espaço do Seridó é o sertão, e o viver nele é um ato de superação, como destaca José Augusto:

O Seridó precisa, para ter assegurado o seu futuro, de uma ampla política que comece pelo combate às secas, pois a primeira coisa a assinalar é que a região seridoense é toda ela atingida pelas longas estiagens periódicas. (AUGUSTO, 1954, p. 15).

O combate às secas estava sempre na pauta do dia dos discursos de legisladores ou da imprensa do Seridó. Manoel Dantas alertava para a necessidade de se construir açudes e José Augusto e Juvenal Lamartine quando estiveram como governadores do Estado — de 1924 a 1927 e de 1928 a 1930, respectivamente — procuravam por meio de incentivos à produção cotonicultora abراسar o flagelo das secas, também amenizado por meio das políticas de socorros públicos.

Assim, o espaço do Seridó é considerado desafiador e por ele a noção de homem vai sendo produzida, pois o que habita este espaço é um espelho do lugar e de seus elementos.

Oswaldo Lamartine se identifica com o espaço e sua flora, desejando “[...] a dureza da aroeira, a floração do pau-d’arco, a sombra da oiticica, o cheiro do cumaru [...] me bastava talvez ser uma imburana [...].” (FARIA, 2001, p. 13).

O seridoense é antes de tudo um sertanejo, como destacou Manoel Dantas, e para bem viver no espaço há que se superar e sobrepor-se à natureza. O corpo do homem que vive no Seridó respirando sertão é como ele próprio. É áspero, duro, forte como a xerófila, mas é também sedoso como as fibras do algodão mocó que, do segundo quartel do século XIX, passa, juntamente com o gado, a completar o espaço dos sertões do hoje Seridó.

Este homem é produto do sertão, daí os tipos humanos que aparecem nas narrativas de nossos autores associarem homem e terra. O gado e as terras voltadas à pecuária têm o vaqueiro, o algodão e seus campos, tem o homem de fibra longa e estes homens se encontram no ato de luta e superação do viver no sertão.

O sertão é compreendido por esses autores como lugares de memória que assumiram o papel de locais de referência, depositários das lembranças do passado e dos desejos. Sertão repertório do passado e das lembranças.

Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine subjetivam e significam o vivido, suas experiências e suas texturas familiares; cada um destes autores perpassam suas publicações ao se colocarem enquanto locutores do espaço Seridó e trocam dedicatórias e referências.

Em *Seridó*, José Augusto (1954) faz um recorte espacial emergir a partir de explicações históricas, econômicas, políticas; seu Seridó é escrito e até prescrito

na obra em que ele significa o espaço e oferece-o à leitura, o escreve para torná-lo vivo, apenas o seu Seridó aparece em sua obra para que deste emirja outro, pois, “[...] o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos.” (SCHAMA, 1996. p. 17).

“A Juvenal Lamartine, o mais profundo conhecedor e o mais vigilante defensor dos problemas que interessam ao Seridó [...] dedico estas páginas em que reviso um pouco das tradições da terra estremecida e procuro mostrar as suas possibilidades de progresso”; com estas palavras José Augusto inicia seu livro *Seridó* e constitui o laço familiar junto ao tecer do espaço. Como defensor e arquiteto das possibilidades de *progresso* do Seridó, José Augusto escreve sua dedicatória, esboçando a relação homem e espaço.

Para os historiadores do espaço, a arquitetura dos sujeitos, suas memórias e suas considerações acerca do espaço são *discursos sobre* que produzem e pela locução constroem relatos de espaços.

José Augusto, homem de posse austera e semblante firme, enuncia e anuncia o Seridó como uma paisagem, naturalizada e marcada pelo algodão. Buscando os caminhos do progresso para o Seridó, será ele um locutor de um problema: o das secas, pois, segundo o mesmo, só resolvendo este problema teria o Seridó possibilidade de *avanço*.



Figura 02 - José Augusto Bezerra de Medeiros  
Fonte: Medeiros (1980a)

O Seridó, como o *espaço do sertão*, tórrido, seco e duro, não comportaria o avanço científico, não seria palco de um futuro. Desta forma, sanar o flagelo das secas era dar à terra e ao homem as possibilidades de nela e dela viver, de ser parte da terra e dela extrair vida; o Seridó seco era a morte, mas a paisagem profícua para enunciar o discurso da necessidade.

A terra, como mãe, deveria acolher e fazer seus filhos dela viver, para tal o seridoense, segundo José Augusto (1954, p. 17), deve ser preparado “[...] para que se habilite e prepare para extrair da terra tôdas as utilidades que ela encerra e se oriente no sentido de um aproveitamento cada vez mais racional de suas riquezas.” O homem abriria fogo, declararia guerra à natureza. Em *Seridó* homem e natureza estão em constante embate, um é complemento para o outro, mas é uma convivência árdua, pedregosa, inclemente; o homem tem que tornar-se forte, imune às investidas da sólida natureza.

Dialogando com a história, José Augusto pensa a colonização do Seridó e vai configurando o espaço ao dizer “Na zona do Seridó certo e seguro é afirmar-se que todo o movimento povoador decorreu da necessidade econômica de encontrar lugar adequado à localização de fazendas de criação de gado.” (AUGUSTO, 1954, p. 24-25). A natureza novamente aparece como personagem na trama histórica do Seridó, ela é bem e mal, solução e praga, ela é,

[...] sábia e previdente, e, do mesmo passo que oferece o mal, que reside na falta de chuvas, apresenta o remédio, que está na existência de alguns vegetais que vivem, a despeito da ausência de precipitações pluviais e que servem de forragem para a criação, quando desaparecem os outros recursos. (AUGUSTO, 1954, p. 28).

A luta homem/natureza fecha o Seridó como espacialidade particular, aquela que é liga para o homem e o lugar; José Augusto escreve “Entre as regiões que formam o Rio Grande do Norte, uma há de traços bem definidos e característicos: o Seridó.” (AUGUSTO, 1954, p. 223). Os traços definem o Seridó, dão fisionomia ao seu rosto que tem nele ferrado a significação da natureza de sua produção, expressa pelo algodão mocó e sua fibra. Mas o Seridó é subjetivado e significado como:

Região descalvada, montanhosa, eriçada de pedregulhos e espinhos, sujeita ao flagelo contínuo das secas, convida o homem para o labor contínuo, para a luta áspera com os elementos da natureza e não lhe permite lazeres para a contemplação das coisas belas, de resto muito raras naquelas paragens. (AUGUSTO, 1954, p. 248).

José Augusto é mais que um seridoense escrevendo sobre o Seridó, é um homem que, como muitos outros, procura possibilidades de caminhos para enfrentar, conviver ou apenas transformar a natureza. A natureza é a marca do Seridó, por ela o homem deve aprender a viver neste espaço, compreendendo que das secas advém formas de viver particulares, do flagelo vem a bonança.

A história do Seridó para José Augusto é a história da relação social do homem com a natureza, da configuração do espaço pela prática da apropriação dos relatos dos espaços, da constituição de mapas e percursos.

A viagem por nós realizada ao Seridó escrito e prescrito por José Augusto vai terminar com uma consideração: terra e homem, natureza e técnica estão associados a um Seridó que tem um rosto enrugado pela caatinga cinzenta, pelo cristalino reluzente, pela terra rachada, pela superfície sedenta, enfim, por locuções discursivas que projetam a partir da natureza paisagens, memórias, histórias em que o homem deve estar sempre pronto para agir, a saber vencer desafios e do espaço da promessa moldá-lo ao espaço da produção.

O Seridó é um desafio, é uma textura marcada por estiagens e a enunciação mais recorrente ao longo da obra *Seridó* é: ajuda para o homem vencer a natureza, burlar suas barreiras e fazer da terra plantio de produção do algodão e do homem de finas fibras, pois, como destaca José Augusto,

A zona do Seridó [...] é tôda ela sujeita a longas estiagens, às famosas secas nordestinas, apresentando do ponto de vista da natureza, um aspecto agressivo, com as suas terras descalvadas, com vegetação pouco abundante, cujas *folhas verdes, exceção feita do juazeiro, desaparecem e caem com a ausência das chuvas.* As terras são férozes e uma vez caindo as chuvas do céu os campos se cobrem de fôlhas verdes, de pastagens magníficas e de lavouras excelentes. (AUGUSTO, 1954, p. 273, grifo nosso).

O verde das folhas do juazeiro pode ser tomado como o veio da esperança constante de dias chuvosos, como um espaço de *resistência* frente a aridez do solo, como o depositário de força para a *luta* com a natureza. O juazeiro se

configura como a raiz dos *Homen-Terra*, que assim como ele estão perseverando um futuro à comunhão com terra.

O Seridó para o autor é um desafio, mas com o gotejar das chuvas aveluda-se de um verde prazer de habitar, respirar e dizer *Seridó*, configurado como espaço sujeito às secas e terra do algodão mocó, *espaço do sertão* que está em toda parte e é vivo mesmo diante da *agressividade* da natureza. A escassez das chuvas o deixa adormecido e pálido, mas sempre vivo como o juazeiro.

O sertão é um texto e o Seridó é a narrativa deste. Os textos escritos por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine para o Seridó potiguar, configuram o espaço com vestes de *sertão*, categoria usada recorrentemente para nomear as terras que compõem o espaço do Seridó.

Assim, o sertão pode ser tomado como metáfora do Seridó. Aqui, não buscamos descobrir um autor originário, aquele que primeiro enunciou uma *verdade*, mas, sim buscamos entender as condições que permitiram a afirmação de uma *dizibilidade* — o Seridó.

A identificação entre sertão e Seridó é uma enunciação reforçada desde o século XIX em crônicas, artigos, diversos enunciados; assim, em torno de um espaço caracterizado pela geografia foi se criando e aprofundando uma significação imaginária denominada Seridó, gerado por um discurso que institucionalizou a nomeação de um novo recorte espacial como ícone do sertão. Esse discurso historicamente vem para recobrir e para identificar um espaço e uma população como seridoenses. Cria-se pelas narrativas, um rosto, que define zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões às significações conformes. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 31).

A identificação do Seridó ao sertão deixa transparecer o jogo de interesses (de poder) subjacente a elas, onde “[...] forças telúricas surgiam de uma paisagem onde a indigência da natureza esculpia homens à semelhança de pedras sem porosidade.” (MACÊDO, 2005, p. 132).

E precisamente nesta luta pelo direito de nomear a realidade, pela legitimidade de fazer existir e pela virtude da nomeação que está empenhada a escrita dos autores aqui destacados, que buscam nomear a realidade pela mimese que dela fazem. Para construírem os relatos do espaço seridoense, apropriam-se

simbolicamente dos acontecimentos do território concreto dos *sertões do Seridó*. É uma apropriação que sabe que é preciso aprisionar a dimensão inesgotável do espaço que experimenta através da história e da memória, pois a escrita da história não é uma produção exterior àquele que fala, que pensa ou que sente, é a interface de uma escrita de si, escrita da história. (GOMES, 2004).

Uma relação concreta dos autores e o espaço como forma de uma existência e seus destinos é que os conduz a um redespertar para a história. Instala-se nesse (re)encontro simbólico, um processo de urdidura dos laços mais profundos dos autores com o Seridó, porque o ambiente material também está impregnado de passado e de acontecimentos significativos; o que parece que guarda o sertão seridoense como herança de suas experiências diretas com o meio ambiente, e as múltiplas imagens sobre esse mundo já então interiorizados numa dimensão mental.

O Seridó narrado como sertão por Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constitui-se como narrativa telúrica que envolve seus relatos de espaço por um sentimento de pertença e de apresentação mítica, sendo a importância da narrativa enfatizada para a construção da noção de tempo e espaço. (RICOUER, 1997). Percebemos que os elos genealógicos que fecham estes autores em um corpo familiar e é a partir deste que escrevem um Seridó. Desta forma, as narrativas sobre o Seridó expressam uma continuidade dos homens e da terra.

O Seridó é um texto narrado a partir do sertão, que é árido, cinzento, de terra rachada e sol escaldante, que assim vai se constituir como o *espaço da promessa*. (MACÊDO, 2005).

O Seridó como *espaço sertão* se configura como uma das possibilidades de visibilidade para as narrativas de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine. Uma outra configuração produzida e passível de análise acerca do Seridó é a de um *espaço de luta* em que homem e natureza expressam-se como elementos narrativos.

A partir dos *espaços do eu e do sertão*, destacamos a relação entre homem e natureza a partir da historiografia seridoense. Para pensarmos esta relação destacamos a configuração de um *espaço de luta*, do embate travado do homem para com o meio.

Para o estudo do Seridó como o *espaço de luta*, ressaltamos uma leitura acerca do ambiente, sua paisagem e natureza que configuram limites para o Seridó. Assim, a face da história ambiental é referida para entendermos como homem e natureza são subjetivados, significados pelos autores estudados.

Um campo importante da história ambiental é o estudo dos valores humanos atribuídos à natureza. (DRUMMOND, 1991, p. 190). Desta forma, analisar o Seridó na interface do homem e da natureza é atentar para a construção de seu espaço concreto, destacando a sua natureza, percebendo como o homem e suas ações deram limites físicos e sentimentais ao Seridó potiguar.

Assim, a configuração dos espaços é paisagem e percepção, é uma fronteira entre o concreto e o sentimento. (D)escrever a flora com cores cinzentas, galhos secos e retorcidos, é um ato de perceber o entorno, de atribuir sentidos. Desta forma, o Seridó ao passo que tem (d)escrito o seu espaço é configurado na fronteira entre o dizível e o sensível.

O Seridó como *espaço de luta* do homem e da terra é então um impasse presente nos escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, estes voltando suas atenções para tal questão estão escrevendo, refletindo sobre a vida, um tempo passado, mas também presente e futuro. A história do Seridó presente nas narrativas desses autores, é uma história da natureza e da relação dos homens com a mesma.

Manoel Dantas quando discute a vida sertaneja, o problema das secas está pensando como o sertão está em toda parte, em cada vivente, como um espaço marcado pela prática da pecuária haveria de utilizar a técnica para possibilitar o *progresso*. A natureza e suas *leis e segredos* são para este autor os desafios do homem que, apenas com trabalho e indústria são capazes de dominá-la. Este domínio consistia em vencer desafios, em prover resistência frente fenômenos como a seca.

Ao escrever sobre as características econômicas do Seridó, José Augusto historiciza os usos do espaço, pensando este como um grande palimpsesto com marcas de uma colonização pela pecuária e a bravura dos vaqueiros, do cultivo do algodão e os acenos de *progresso econômico*. A natureza corta sua narrativa, é uma constante que está ditando formas de pensar e agir sobre o espaço que como objeto de análise. E o próprio viver no Seridó é estar em luta com o espaço, lutando

com a seca, a aridez, de uma exigência de novos mecanismos para amenizar a erosão da natureza frente o homem.

Na narrativa de Juvenal Lamartine, a natureza tem o homem como o sujeito modelador ou aquele que a transforma; sabia que a natureza não era fixa e que o homem era um dos agentes construtores de novas naturezas. Sua natureza é configurada a partir da noção de espaço transformado pelo homem. Ela seria envolvida pelo gesso da tradição, daí o autor evocar a necessidade de escrever sobre o *sertão de outrora* para fixar um espaço vivido.

Oswaldo Lamartine coloca-se como o locutor do *sertão de nunca mais*, de práticas como a caça, a pesca e a conservação de alimentos. O homem é sempre um interventor junto a natureza e suas possibilidades. A natureza dos *sertões do Seridó* é a da paisagem da caatinga.

Nas narrativas de seu *sertão de nunca mais* é a caatinga a paisagem composta como cenário, nela as práticas e costumes como a caça, a pescaria, a criação de abelhas tomam corpo e são envolvidas pela tradição oral. A natureza, na obra de Oswaldo Lamartine apresenta-se como um cenário (d)escrito e cartografado em páginas sobre a fauna, a geografia e a topografia.

O *espaço de luta* configurado por Oswaldo Lamartine é um conjunto que contém e está contido elementos da própria natureza. É o gado rasgando os sertões levando homem ao espaço liso, é a caatinga como *homogeneidade* no Seridó e, este espaço produz os *sertões do Seridó*, múltiplos em seus elementos, mas singular no sentimento de pertença.

Assim, a possibilidade de entender a escrita da natureza a partir de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constitui-se como a via possível de uma escrita histórica para o Seridó. Narrativa em que uma história da natureza e uma história dos homens são tecidas no mesmo movimento, em que configuram um *espaço de luta*.

Das configurações do *eu*, do *sertão* e de *luta*, o Seridó é um texto e nos escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine configuram o espaço com vestes de um Seridó-sertão vivido e de outrora. É um espaço em que a seca é destacada como o principal problema e a tradição é o elo dos autores com o Seridó potiguar, visto que, escrevem a partir de seus lugares de

*famílias tronco* e de homens que estavam associados a questões políticas e econômicas do lugar.

No *espaço do eu*, o Seridó é configurado como parte dos corpos e desejos dos autores que ao escreverem sobre o espaço também estão fazendo a locução de si, colocando-se enquanto *naturais, filhos da terra*, pois escrever sobre esta e para esta terra seria produzir um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço.

O *espaço sertão* é produzido a partir da identificação entre sertão e Seridó, enunciação reforçada por representações de um espaço caracterizado pela seca, pela pecuária, pelo cultivo do algodão o que institucionalizou a nomeação de um novo recorte espacial como ícone do sertão onde, os homens e a terra configurariam o espaço do desafio, uma *luta*.

O *espaço de luta* é produzido a partir das considerações de Manoel Dantas sobre o problema das secas e a vida sertaneja, das descrições e análises de José Augusto acerca do espaço seridoense, das memórias de Juvenal Lamartine sobre o viver nos sertões e dos escritos de Oswaldo Lamartine sobre a caatinga e a poética de um *sertão de nunca mais*.

Seridó: espaço da escrita da história, de suas vozes e suas configurações do *eu*, do *sertão* e de *luta*. Os *espaços que ficam* são construções discursivas acerca do Seridó que fôra, pelas vozes de Manoel Dantas, de José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine (d)escrito, cartografado, sentido e subjetivado.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 111-120, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. De Amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos – Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 35-45, jul./dez. 1998.

AUGUSTO, José. Nota Explicativa. In: DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.

\_\_\_\_\_. O Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. XLI-XLIV, p. 59-77, 1948.

\_\_\_\_\_. **Seridó**. Rio de Janeiro: Borsoi – Editor, 1954.

\_\_\_\_\_. **A Região do Seridó**. Natal: Edições Cactus, 1961.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão**: um lugar-incomum – O sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BASTOS, Ana Regina V. Ribeiro. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 55-66, jan./jun. 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resolução PR n. 51 de 31 de setembro de 1989. **Boletim de Serviço**, Brasília, p.2, 1989.

BRASIL. Senado Federal. **Juvenal Lamartine de Faria**. Brasília, [c200-?]. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores\\_biografia.asp?codparl=2000&li=34&lcab=1927-1929&lf=34](http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2000&li=34&lcab=1927-1929&lf=34)> Acesso em: 20 mar. 2006.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiemé; Natal: Fundação José Augusto, 1989.

\_\_\_\_\_. O causeur. **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994. p. 17.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CORBIN, Alain. Alain Corbin: o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jan./jun. 2005. Entrevista Concedida a Laurent Vidal

DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.

\_\_\_\_\_. A Vida Sertaneja. In: DANTAS, Edgard. **Projeto de recuperação da Memória e produção intelectual de Manoel Dantas**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 887, p. 03-22, abr. 1996. (Coleção Mossoroense, Série C).

DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). In: \_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 35-56.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1837 – Acerca do ritornelo. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1997a. p. 115-170. (v. IV).

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

\_\_\_\_\_. Juvenal Lamartine, o meu pai. **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994. p. 11-15.

\_\_\_\_\_. **Em Alpendres d'Acauã**: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Natércia Campos (Org.). Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC; Natal: Fundação José Augusto, 2001.

\_\_\_\_\_. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005. (Coleção Mossoroense).

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. Outros Espaços. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos III**: Estética: Literatura, pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GIL, José. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

LYRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A Penúltima versão do Seridó** – Uma história do regionalismo seridoense. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005.

MANOEL Dantas. **Memória Viva**. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/manoeldantas/>>. Acesso em: 20 mar. 2006.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. Padre João Maria. In: MELO, Veríssimo de. **Patronos e Acadêmicos** – Academia norte-riograndense de Letras (Antologia e Biografia). Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974, p. 270-271. (v. II – Acadêmicos).

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980a.

\_\_\_\_\_. **O Rio Grande do Norte no Senado da República**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980b.

\_\_\_\_\_. **Famílias Seridoenses**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia da resistência. Caicó: Edição do Autor, 2005.

NEGREIROS, Sanderson. O grande sertão de Oswaldo Lamartine - II. **Diário de Natal**, Natal, 05 maio. 1998. Muito, p. 03.

NESTOR, Odilon. **Faculdade de Direito do Recife**: traços de sua história. 2. ed. Recife: Imprensa Industrial, 1930.

O DISCURSO de Oswaldo Lamartine. **Diário de Natal**, Natal, 20 nov. 2005. Muito, p. 06.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1997. (tomo 3).

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SCHETTINO, Marco Paulo Fróes. **Espaços do Sertão**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília.

SHWARCZ, Lilia Miritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870- 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

**Como citar este artigo**

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais. **Rev. Espacialidades** [online]. 2008, vol. 1, no. 0, 35p.